

Entrevista

Os desafios de crescer diante das tecnologias digitais

Entrevista com Alessandro Marimpietri

Amanda da Silva Almeida¹
Emilly Shaianne Miranda Santana²
Ana Luisa Zaniboni Gomes³
Edilane Carvalho Teles⁴
Eliana Nagamini⁵

Resumo: Em entrevista realizada no dia 20 de janeiro de 2023, o psicólogo Alessandro Marimpietri explica que o tempo de exposição às telas, o tipo de conteúdo acessado e a substituição da experiência analógica pela digital são aspectos reconhecidos pela literatura científica como potencialmente danosos ou prejudiciais ao desenvolvimento saudável de crianças e adolescentes. Segundo o entrevistado, crianças que vivem experiências analógicas conseguem lidar melhor com o mundo digital – daí ser fundamental que pais e mães possam garantir um tempo qualificado com seus filhos sem a presença de telas e que o mundo socioeducativo – em especial a escola - se dedique a educar sobre como utilizar as tecnologias digitais, aproveitando os benefícios e se afastando daquilo que é potencialmente arriscado.

Palavras-chave: tecnologias digitais; tempos de tela; crianças; adolescentes; mundo socioeducativo.

¹ Graduanda de Pedagogia no Departamento de Ciências Humanas, Campus III da Universidade do Estado da Bahia (DCH III/UNEB). E-mail: as.almeida342@gmail.com

² Graduanda de Pedagogia no Departamento de Ciências Humanas, Campus III da Universidade do Estado da Bahia (DCH III/UNEB). E-mail: miihshay3@gmail.com

³ Doutora em Ciências da Comunicação pela ECA/USP, jornalista profissional e diretora de projetos na OBORÉ. Integra o Grupo de Pesquisa Mediações Educomunicativas (ECA-USP/CNPq). Foi coordenadora do GP Comunicação e Educação da Intercom – gestão 2018-2019. E-mail: analuisagomes@obore.com

⁴ Doutora em Ciências da Comunicação pela ECA/USP, docente no Departamento de Ciências Humanas e no Programa de Pós-graduação em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos da Universidade do Estado da Bahia (PPGESA/DCH III/UNEB). Membro do Grupo de Pesquisa Mediações Educomunicativas. Coordenadora do Grupo de Pesquisa Polifonia - Observatório de Educação e Comunicação. E-mail: ecteles@uneb.br

⁵ Doutora em Ciências da Comunicação pela ECA/USP, docente da FATEC / CEETESP e membro do Grupo de Pesquisa Mediações Educomunicativas (ECA-USP/CNPq). Foi coordenadora do GP Comunicação e Educação da Intercom – gestão 2014-2017. E-mail: eliananagamini@fatecsp.br



SOBRE O ENTREVISTADO:

Alessandro Marimpietri é formado em Psicologia pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) e tem especialização em Teoria Psicanalítica pela Universidade Salvador (UNIFACS), onde é docente. Dedicar-se à psicologia clínica de orientação psicanalítica e atua com assessoria no âmbito da Educação. Atualmente, é doutorando em Ciências da Educação na Universidad Nacional de Cuyo, Argentina. É membro da Associação Brasileira de Orientadores Profissionais (ABOP) e do Instituto Brasileiro de Avaliação Psicológica (IBAP).

***ComSertões* - Crescer diante de tanta tecnologia é benéfico?**

Alessandro Marimpietri - Olha, esse tema do crescimento e do desenvolvimento de crianças e adolescentes diante das tecnologias digitais “dá panos para as mangas”. Nós temos movimentos que tentam ‘catastrofizar’ ou suavizar os efeitos disso na vida e no desenvolvimento de crianças. Há um caminho que está no meio desses dois pólos e com o qual eu tenho uma afinidade maior, que tenta discutir quais são os benefícios e quais são os riscos. Os benefícios são sempre menos falados que os riscos. Os riscos são temas muito mais comuns da nossa pesquisa, do nosso olhar, da nossa intencionalidade investigativa. O que a gente poderia falar é que as tecnologias digitais chegaram para ficar. Elas têm, de certa maneira, o potencial de facilitar uma série de coisas da nossa vida. Imagine: nesse mesmo aparelho celular eu posso comprar uma passagem aérea, pagar uma conta no banco, saber a previsão do tempo, ligar uma lanterna; quer dizer, eu tenho uma série de recursos no mesmo aparelho, que fica como uma extensão do meu corpo, acessível a todo tempo. Com isso, eu consigo ter acesso a informações, eu posso democratizar informações numa velocidade inédita, eu tenho a possibilidade de saber, a partir de referências múltiplas, sobre um determinado tema. Então, há uma série de coisas que, se bem utilizadas, são benéficas. Agora, para um cérebro, para um sujeito, para uma criança e um adolescente em desenvolvimento, a gente precisa cuidar para que esses benefícios estejam circunscritos a uma possibilidade de não extravasar, vamos chamar assim, esses limites, a tal ponto que comecem a ser figurados como um malefício, como riscos. Então, o tempo de exposição às telas, o tipo de conteúdo acessado, a troca de experiências analógicas por experiências digitais são aspectos já conhecidos pela literatura científica como potencialmente danosos ou prejudiciais ao desenvolvimento saudável de crianças e adolescentes.

***ComSertões* - Como a tecnologia afeta o desenvolvimento infantil?**

Alessandro Marimpietri - É importante dizer que crianças e adolescentes da atualidade já nascem contemporâneos ao *boom* da tecnologia digital. Isso, por exemplo, não aconteceu comigo. A minha infância foi quase toda analógica, com poucos recursos e nenhum deles digital. Tecnologias sim, como a televisão, por exemplo, mas com um nível de interatividade muito mais pobre e um nível de velocidade muito mais lento. Quando a gente tem crianças e adolescentes que nascem contemporâneos ao funcionamento e ao *boom* da tecnologia digital, a gente tende a cometer um equívoco que é chamar essa geração de nativos digitais. Isso é meio perigoso: de certa maneira é verdadeiro porque ele é nativo, nasceu no tempo em que o digital está estabelecido, mas por outro lado, pode ser uma armadilha o fato de acharmos que, por eles terem nascido contemporâneos ao digital, estariam prontos para enfrentar todos os riscos, dilemas e benefícios do digital. Acho que, embora eles tenham nascido contemporâneos ao digital, ainda precisam de adultos que regulem essa experiência do mundo digital. E também do analógico. Ou seja, crianças e adolescentes precisam de adultos que sejam presentes e possam dizer: “olha, até aqui sim, até aqui não, isso aqui é perigoso, isso não é”, para ir construindo junto com esses sujeitos em desenvolvimento parâmetros a partir

dos quais eles possam ensaiar as suas experiências, possam construir o seu protagonismo e se prepararem para, no futuro, assumirem um papel adulto. Então, a proteção que a gente faz para a criança e o adolescente tem compromisso com o presente. Mas também tem um compromisso com o futuro porque se essa experiência é vivida de uma maneira perigosa, pode comprometer também outros tempos da vida. Eu diria que esse é o primeiro perigo. O segundo perigo são esses aspectos sobre os quais já falei, que são bastantes conhecidos: o tempo de exposição, o filtro de conteúdo e o imediatismo da resposta. Aliás, é uma geração que convive pouco com a falta: entre aquilo que imaginam, a resposta é quase imediata, e o que vem não é apenas uma mas muitas respostas. Um dado que a gente precisa cuidar é essa velocidade de resposta, esse imediatismo, essa lógica instantânea, a quantidade de informações a que essas crianças estão submetidas sem os filtros psíquicos, cognitivos, afetivos e sociais suficientes para ficarem com o que é essencial e eliminarem aquilo que é sobra. Há uma tendência de saber pouco de muita coisa e não conseguir se aprofundar nas informações. A gente sabe que uma vivência analógica potente, colorida, intensa, significativa, tem um fator de proteção: a criança que vive experiências analógicas consegue lidar melhor com o digital. Quando o digital está substituindo o analógico, quando o digital é usado em tempo exagerado e quando não há um filtro de conteúdos, em geral essa criança ou adolescente fica exposta a riscos.

ComSertões – Podemos utilizar as telas como potencializadoras da educação da criança?

Alessandro Marimpietri - Essa é uma ótima pergunta. As telas podem ser um coadjuvante importante nos processos socioeducativos, a começar pelo mais óbvio, que é alcançar um número muito maior de pessoas em espaços de difícil acesso - esse é o primeiro e o mais importante benefício. O segundo é que a gente consegue alcançar um número muito grande de pessoas através do digital, o que no analógico é mais difícil. Em terceiro, há uma certa responsabilidade de fazeres socioeducativos, ou seja, uma educação para o uso do digital - ensinar as crianças a fazerem 'bom' uso do digital, a usar filtros de fontes e de conteúdo, aprenderem a distinguir uma *fake news* de um fato, saberem se proteger de situações em que possam estar vulneráveis do ponto de vista de violência moral, da sexualidade, ou seja, há que se fazer uma educação sobre como utilizar as tecnologias digitais. E um último aspecto que eu acho muito importante é a possibilidade de saber o que fazer com a informação. O desafio do mundo contemporâneo não é mais fazer propriamente a informação chegar. Há 30 ou 40 anos atrás, esse ainda era um desafio, mas hoje não. Hoje, o desafio é o que vamos fazer com essa informação que chega em um volume absurdo, abissal, de fontes que não conseguimos apurar e ainda com uma série de conteúdos atravessados, como conteúdos publicitários e de outros tipos. Então, saber como fazer isso me parece um objetivo do cenário socioeducativo, que deve entender a tecnologia digital como um fato inequívoco, estabelecido, que faz parte da vida e contra a qual a gente não deve lutar, mas aprender a lidar da melhor maneira possível. Precisamos retirar dessa experiência o que ela tem de mais potente em benefício e, com toda cautela e força, se afastar daquilo que é potencialmente arriscado.

ComSertões – Há um período determinado e uma forma certa de inserir a tecnologia na vida da criança?

Alessandro Marimpietri – Sim. O que os estudos mostram é que a primeira infância deve ficar preservada do acesso aos conteúdos digitais. Sabemos que o hipoestímulo é danoso ao desenvolvimento da criança, mas o hiperestímulo também é. Então, a gente sabe que o ideal é que crianças pequenas não tenham acesso a conteúdos por meio das tecnologias digitais. Depois, quando estiverem um pouco maiores, elas podem e terão acesso inevitável a isso - o Brasil ainda é um país muito desigual no sentido do acesso ao recurso digital. A gente pensa que isso está absolutamente planejado, mas não está. A gente precisa preservar essas crianças em relação ao tempo, e os adolescentes também. É claro que o tempo de uma criança de cinco anos em relação ao recurso digital não é o mesmo de um adolescente de quinze anos. Estamos falando de outro cérebro, de outro corpo, de outro afeto, de outro pensamento, de outro psiquismo, de outra posição na sociedade. Então, a gente tem que ir construindo esse cenário a partir das possibilidades de cada etapa do desenvolvimento para lidar com o recurso digital de uma forma saudável.

ComSertões - O que devemos fazer para que o uso das telas não afete o relacionamento familiar?

Alessandro Marimpietri - Essa é uma ótima pergunta também. A gente tem que entender que as telas atravessam sim a dinâmica familiar. Mas a televisão já fez isso, o rádio fez isso e o digital faz isso - faz diferente do rádio, da tv, mas continua fazendo. Então, não é incomum a gente ver, em famílias que tenham algum recursos financeiro, que de cada três pessoas, ao menos uma esteja com o seu *smartphone* no seu próprio mundo, sem interagir. Daí responsabilizar o aparato digital por uma certa falência da convivência familiar, eu acho um exagero. O que acho é que a gente tem que ter crítica, ter boas políticas públicas, tanto de democratização quanto de preservação do acesso, ou seja, democratizar o acesso e preservá-lo para que ele possa ser benéfico e menos arriscado para crianças e adolescentes. Porém, o que a gente mais vê é que as dinâmicas entre os familiares estão cada vez mais atravessadas pelo digital. Cabe aos adultos ter um olhar crítico a partir de cada realidade familiar, ver o que cabe e o que não cabe nessa família. Em geral, o que a gente sabe é que, do ponto de vista do desenvolvimento saudável, a convivência de crianças e adolescente com seus pais não precisa apenas ter só qualidade - que é uma condição *sine qua non* pois sem isso a gente não tem nada - mas ela precisa ter quantidade. Então, é fundamental que os pais possam garantir um tempo qualificado com seus filhos sem que esse tempo seja atravessado pela tecnologia digital. Isso, indiscutivelmente, faz bem a qualquer criança e qualquer adolescente.

ComSertões - Como encontrar um equilíbrio no uso das tecnologias?

Alessandro Marimpietri – É mais ou menos naquela linha daquilo que falei anteriormente: um bom recurso pra isso é a gente se dar conta de que a tecnologia digital não pode substituir a experiência analógica. Por exemplo, a gente vai a um restaurante e está mais interessado em fotografar o prato, postar e olhar comentário que prontamente comer o próprio prato. Quando o registro da imagem atravessa a experiência simbólica é um mal sinal. Diria que é um sinal vermelho, de perigo, pois a gente está trocando a experiência em si por uma representação de uma experiência que é essa representação digital da imagem. Ela não vai ter sabor, não vai ter cheiro, não vai ter interações, não vai ter as outras características que o analógico oferece. Para as crianças

e adolescentes, especialmente, a qualificação de uma experiência analógica passa por proteção e garantia de direitos, acesso a escolas, creches de qualidade, uma condição digna para seus familiares para que eles possam proteger todas essas outras condições – inclusive a prevenção do uso excessivo e danoso do digital. Porque a gente precisa qualificar a experiência analógica para que eles possam ter recursos subjetivos e sociais de enfrentamento dos riscos e de aumento das potencialidades que o recurso digital possa trazer. Essa é a defesa que faço muito veementemente: que a gente possa garantir uma experiência analógica e que, em nenhuma hipótese, o digital transponha e substitua o analógico.

***ComSertões* – Como identificar uma pessoa com dependência das telas?**

Alessandro Marimpietri - Tenho ouvido muito no consultório os pais se referirem a um uso viciado, um uso dependente de telas por parte de crianças e adolescentes. Infelizmente, há casos de crianças e adolescentes que fazem uma relação adoecida com o recurso tecnológico a ponto de precisarem de tratamento específico para isso. Há inclusive alguns ambulatorios no Brasil dedicados a tratar desse tipo de dependência. Mas são a minoria; a maioria dos casos são de uso excessivo, mas que não configura patologia. Os principais marcadores que podem nos acender um sinal de alerta são a substituição de experiências de vida pela experiência digital: o uso excessivo, certa dependência de só conseguir satisfação através do digital, a possibilidade de eliminar outros convites, outros acessos e oportunidades para ficarem no digital, o aumento da irritabilidade, alterações de humor, alterações no sono, alterações no comportamento alimentar - quando isso vem reunido nesse combo com essas características, eu acho que é sinal que merece toda nossa atenção, especialmente em se tratando de crianças e adolescentes.

***ComSertões* – É possível identificar diferenças entre uma criança que faz uso diário das tecnologias e outra com pouco acesso às telas?**

Alessandro Marimpietri - A gente precisa fazer um ressalva para entender essa pergunta. Por exemplo, se eu for comparar a minha infância à do meu filho, eu fui uma criança que não teve acesso às tecnologias digitais e meu filho tem. Mas essa comparação tem o tempo histórico: ser criança na década de 1970 do século passado é completamente diferente de ser criança nos anos de 2020 do século atual. Essa diferença é histórica. Agora, vamos pensar em duas crianças do mesmo tempo histórico, nascidas agora, onde uma faz uso excessivo de tecnologia e outra não. No meu entendimento, aquela que faz uso excessivo de tecnologia vai estar em maior risco de apresentar problemas no desenvolvimento - e os problemas podem ser apresentados na ordem das motricidades, na ordem cognitiva, na ordem psicoemocional, na ordem sociointeracional, inclusive na ordem da aprendizagem. Se forem crianças do mesmo contexto socioeconômico e sociocultural, de um mesmo tempo em que uma tem o acesso excessivo e outra não tem, seguramente a que não tem estará mais preservada. Aquela que faz uso excessivo das telas estará em maior vulnerabilidade.